

EMBELEZE-SE: DIÁLOGOS SOBRE DESIGUALDADES SOCIAL, DE GÊNERO E SEXUALIDADE

VALÉRIA S. DE ARAÚJO¹ e GIOVANNA D. SANDRINI²

¹ Técnica em enfermagem, Graduada em Terapia Ocupacional, Especialista em Auriculoterapia e Reflexologia podal;

² Psicóloga.

RESUMO: O projeto aborda a identificação de demandas resultantes das desigualdades de gênero, focando nas imposições morais nas relações sexuais, expectativas de beleza e relacionamentos abusivos, que impactam o cotidiano e o sofrimento psíquico das mulheres. Observando as consequências dessas violências no território do CAPS III Adulto em Santo André - SP, o projeto visa criar estratégias para acolher o sofrimento das usuárias, oferecendo um espaço protegido para dialogar sobre suas vivências. Objetiva também promover o autocuidado, acolhimento, fortalecimento do protagonismo feminino e autonomia nas decisões e ações das mulheres, através de práticas de autocuidado e fortalecer discussões feministas e antirracistas. As narrativas incluem relatos de violência sexual e abusos, levando à criação de grupos terapêuticos que proporcionam um espaço seguro para as mulheres se expressarem e fortalecerem sua autoestima e autonomia. A oficina baseia-se nas consequências das experiências vividas sob uma normativa social machista, aprofundando discussões sobre as subjetividades constituídas nesse contexto. As mulheres frequentemente buscam serviços de saúde devido a problemas relacionados à violência e abuso, e o grupo "Embeleze-se" utiliza elementos de salão de beleza para criar um espaço livre de preconceitos, onde as mulheres podem cuidar de si mesmas e fortalecer sua autoestima. A proposta resultou na autonomia e protagonismo das mulheres. O uso de referências teóricas antirracistas e feministas fomentou discussões e ações de acesso ao território. Os grupos, que acontecem há dois anos e três meses, intensificaram as discussões e estratégias para melhorar a autoestima e o autocuidado das participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Acolhimento, Cuidado em Liberdade, RAPS, CAPS, Empoderamento, Enfrentamento, Violência, Intersetorialidade.

INTRODUÇÃO

A identificação de demandas em decorrência das desigualdades de gênero, no sentido da constatação dos desdobramentos de imposições morais implicadas nas relações sexuais, nas expectativas associadas à beleza e nos relacionamentos abusivos, as quais geram implicações no cotidiano de vida de mulheres, sobretudo, pelas consequências das experiências, sob uma normativa social machista, potencializando impactos importantes no

sofrimento psíquico de mulheres, despertou-nos para o levantamento de dados dentro do serviço acerca dos acolhimentos realizados.

Nesse sentido, observando-se consequências das experiências de inúmeras violências vividas por mulheres no território de abrangência do CAPS III Adulto em Santo André - SP, desperta direcionamento e relevância do projeto, cuja realidade territorial aponta para aproximadamente 997 mulheres vítimas de violência doméstica municipais em dados registrados pela Prefeitura Municipal de Santo André. Isto posto, o referido contexto exigiu-nos criar estratégias para acolher o sofrimento das usuárias do serviço, com estrutura de espaço protegido que pudessem dialogar sobre vivências abusivas, vulnerabilidades e violências de suas vidas, que impactam diretamente no âmbito emocional, na autoestima, autocuidado e autonomia, assim objetivando-se o desenvolvimento de uma lógica de cuidado pautada no protagonismo e o fortalecimento de mulheres, mobilizando recursos para tal.

Vale ressaltar nesse íterim que suscitou-nos a necessidade de compreender quais elementos estão presentes no contexto de vida dessas mulheres e, ainda de quais poderiam ser as ferramentas utilizadas na perspectiva grupal e terapêutica para que elas pudessem colocar em palavras seu sofrimento e reconhecer numa dimensão coletiva, mesmo que através de aspectos bastante singulares e atravessamentos de suas histórias.

JUSTIFICATIVA

A profunda imersão na subjetividade das mulheres revelam histórias com inúmeras situações permeadas por aspectos de vulnerabilidades, violências, riscos pessoais e sociais, privadas de seus direitos básicos e, ainda expostas com hipóteses diagnósticas como de ansiedade, o estresse, a “louca”, aparecem na perspectiva, por vezes somente através de sintomas presentes no “*Cid*”, não evidenciando os desdobramentos gerados por tais processos e seus impactos físicos e/ou psíquicos. Por séculos, as mulheres foram vistas por serem mais suscetíveis ao surgimento de distúrbios psicológicos, devido às suas condições biológicas, sem levar em conta a influência social neste processo (BARBOSA; DIMENSTEIN; LEITE, 2014).

Segundo Teixeira e Paiva (2021), constatou-se que a maioria das mulheres sofrem de Transtornos Mentais Comuns (TMCs), estes, por sua vez, estão fortemente associados a fatores sociodemográficos e relacionados a estilos de vida, como gênero, renda baixa e educação insuficiente, discutindo a causalidade biológica como a principal determinante do

adoecimento mental. Essas informações são parte de um entendimento mais abrangente do sofrimento, que vemos como consequência de um conjunto de circunstâncias sociais basilares das relações de classe, gênero e raça em contextos históricos específicos. É o que Zanello e Silva (2012) denominam de leitura sociocultural.

As narrativas com que profissionais deparavam-se cotidianamente estavam permeadas pelo campo diverso da violência, entre relatos como, ao acordar, “sentia fortes dores na região íntima” e que, por diversas vezes, “em suas roupas ou no lençol, havia vestígio de sêmen e/ou sangue”. Nesses dias, as profissionais acolhem e iniciam processo de escuta e o trabalho acontece, numa dimensão de compreender toda a violência sofrida, ao dizer que o corpo é desta mulher e somente dela e ninguém poderia lhe tocar sem sua permissão. Colocá-la frente ao espelho para olhar-se e sentir seu corpo, enquanto Ela repetia para si “Esse corpo é meu e ninguém toca se eu não quiser”. Posteriormente aos processos e encontros, produzem concretamente possibilidades, quando nos diz: “Eu gritei com ele dizendo que no meu corpo só podem tocar se eu deixar, porque é meu!”, e foi assim que a ideia do grupo vai surgindo e consolidando, pensando em um espaço e encontros em que os sofrimentos das mulheres fossem referidos sem julgamentos.

Tal perspectiva possibilitou-nos criar grupo que não tivesse características mais tradicionais de “grupo terapêutico”, para que as participantes se sentissem confortáveis, fortificando a ideia de espaço comum entre mulheres, tal qual um salão de beleza. Essa ideia é nutrida por Sant’Anna (2014, p.58), fazendo a comparação do embelezamento como um “puxa assunto”, capaz de definir diferenças e aproximar pelas semelhanças.

A partir da organização de um espaço físico, na composição de uma sala criou-se como estratégia terapêutica, projeto arquitetônico – “Salão de Beleza”, a proposta visou facilitar o diálogo entre mulheres, espaço de fala e compartilhamento de experiências que favoreçam o entendimento sobre elas mesmas, como um lugar com proteção, escuta e trocas narrativas relacionadas à função social da mulher e à identificação das desigualdades de gênero, no sentido de constatarem as imposições morais implicadas nas relações sexuais, nas expectativas associadas à beleza e nos relacionamentos, sendo elementos culturais as justificativas para existência da proposta.

As demandas por práticas de autocuidado e convivência, em formato de salão de beleza, favoreceram a escolha do nome **Embeleze-se** como uma oficina cujo título enuncia as atividades realizadas.

OBJETIVOS

O projeto versa no sentido de propiciar autocuidado, acolhimento, fortalecimento do protagonismo da mulher e autonomia nas tomadas de decisão e em suas atuações na vida, bem como, criação de convivências para acolher e produzir cuidado nas discussões instauradas. Objetivando-se, ainda a facilitação de espaço de convivência acolhedor e confortável; promoção de autocuidado com recursos utilizados em salão de beleza para melhora de autoestima, potencialização das participantes para realizarem escolhas e reconhecerem critérios para tal e, por fim, fortalecer discussões feministas e antirracistas.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E TEÓRICAS

A oficina com base nas consequências das experiências vividas, sob uma normativa social machista, ou seja, uma lógica equivocada que compreende os homens superiores às mulheres e, por isso mais valorizados e com poder de decisão, inclusive em relação ao corpo objetificado dessas mulheres, resultaram no aprofundamento das discussões sobre as subjetividades constituídas nesse contexto social, considerando os prejuízos gerados psicologicamente, fisiologicamente, emocionalmente e inter-relacionalmente.

As mulheres buscam frequentemente serviços de atenção primária, secundária e terciária por problemas de saúde direta e indiretamente relacionados com a violência, abuso e quadros de sofrimento agudo gerados pela vivência na sociedade. De modo geral, estudos apontam que as mulheres falam das suas angústias quando sentem que esses serviços podem garantir condições em que respeitam a confidencialidade dos seus relatos, validam as suas experiências, reconhecem os seus sentimentos e respeitam a sua autonomia (ELLSBERG, 2015; MICHAU, 2015).

De forma específica, a saúde mental e na maioria das vezes a autoestima das mulheres acompanhadas no CAPS, encontra-se seriamente afetada e aprofunda-se pelas desigualdades estruturais e de gênero. Assim, neste grupo, “Embeleze-se” no CAPS III Adulto no Município de Santo André - SP há utilização dos elementos de salão de beleza, como

espelho, insumos para cuidados com unhas, cabelo e maquiagem, sendo um espaço preservado dos preconceitos existentes em salões de beleza do território, devido a efeitos colaterais dos medicamentos e estigmatização por serem pessoas acompanhadas na saúde mental.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A proposta realizada possibilitou-nos a análise dos seguintes resultados, a autonomia do protagonismo das mulheres, tanto em relação ao deslocamento e ocupação territorial, utilizando equipamentos locais, por vezes não frequentados por receio e medo, tendo a possibilidade de fazerem suas próprias escolhas sobre roupas, corte de cabelo, maquiagem, entre outras, como nas relações afetivas, estabelecendo limites e reconhecendo violências. Outro resultado na utilização de referências teóricas que potencializam e fomentam as discussões antirracistas, feministas e periféricas, como os escritos de Maria Carolina de Jesus (1992), utilizados como propositores de discussões e recursos facilitadores de elaboração de subjetividade, bem como, ações de acesso ao território, como circulação em praças, cinema, shopping local, dentre outros.

O grupo acontece desde 08/2022 até 11/2024, no mês de maio de 2024, viu a necessidade de ampliar, sendo assim o grupo é realizada duas vezes na semana, com metodologia de referências feministas e as discussões se intensificaram ao longo do tempo, elaborando estratégias para estabelecimento de limites e autonomia na relação com outras pessoas, e se expandiram até a identificação das necessidades e dos desejos para a melhora da autoestima e espaço para autocuidado, atrelado ao embelezamento, como recursos para resistência e VIDA e luta cotidiana diante das violações de direitos humanos.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Laís Barreto; DIMENSTEIN, Magda.; LEITE, Jáder Ferreira. **Mulheres, violência e atenção em saúde mental:** questões para (re) pensar o acolhimento no cotidiano dos serviços. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 32, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79930906009>

ELLSBERG. **Prevention of violence against women and girls: what does the evidence say?** *Lancet*, 385(9977), 2015, p. 1555-1566. Disponível em [Prevention of violence against women and girls: what does the evidence say? - PubMed \(nih.gov\)](#)

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. Editora Ática, Ed. 10, 200p., 1992. Disponível em <https://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>

MICHAU. **Prevention of violence against women and girls: lessons from practice.** *Lancet*, 385(9978), 2015, p. 1672-1684. Disponível em [Prevenção da violência contra mulheres e meninas: lições da prática - The Lancet](#)

TEIXEIRA, Julia Magna da Silva e PAIVA, Sabrina Paiva. **Violência contra a mulher e adoecimento mental:** Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 31 (2), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7CRiQTCrkX7RXrC7XFT3jDs/?lang=pt>

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O direito ao corpo, um grande suspeito.** In: SANT'ANNA, D. B. *Artifícios para formosura.* In: SANT'ANNA, D. B. *História da Beleza no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2014. pp. 54 -58.

ZANELLO, Valeska.; SILVA, René Marc Costa e. **Saúde Mental, Gênero e Violência Estrutural.** *Bioética*, 22 (2), p. 267- 279, 2012. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/745